

# Uma estela epigrafada da Idade do Ferro, proveniente do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)

AMÍLCAR GUERRA  
ANA CRISTINA RAMOS  
SAMUEL MELRO  
ISABEL ALEXANDRA PIRES

**R E S U M O** Os trabalhos arqueológicos realizados, no verão de 1998, na necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar) levaram à identificação de mais uma epígrafe com “escrita do Sudoeste” ou “tartéssica”. O monumento, uma estela de consideráveis dimensões, aparece aqui como uma reutilização num contexto tardo-romano, igualmente de cariz funerário. Entre o seu uso primitivo e esta derradeira utilização serviu de soleira de porta o que justifica o notório desgaste que alguns sectores, relativamente circunscritos, do campo epigráfico evidenciam. O texto apresenta algumas lacunas, embora se possa considerar, apesar de tudo, em boa parte restituível. Uma das suas peculiaridades mais significativas reside no facto de apresentar, pela primeira vez neste no âmbito desta escrita, um elemento separador constituído por dois pontos. As sequências identificadas não encontram paralelos no repertório já conhecido, ainda que alguns elementos terminais possam ter já correspondências em outras epígrafes.

**A B S T R A C T** A new epigraphic document of the Early Iron Age was found at Monte Novo do Castelinho (Almodôvar, Portugal), in a grave of a later Roman necropolis. Several SW-inscriptions have been identified in the area, where this kind of monument is well known. A two-points word separation, usual in “north-eastern” and “celtiberian”, is recognised for the first time in this script group. A fragmentary text provides four incomplete sequences of characters.

## 1. Introdução

A herdade do Monte Novo do Castelhinho, freguesia e concelho de Almodôvar (coordenadas UTM lat.  $37^{\circ} 33' 10''$  e long.  $8^{\circ} 08' 30''$  CMP 1:25000 n. 563 - Gomes Aires, Almodôvar) insere-se na paisagem de pequenas elevações características do extremo sul do Alentejo, imediatamente antes do relevo pronunciado da Serra do Caldeirão (v. Fig. 1). Os terrenos são consti-

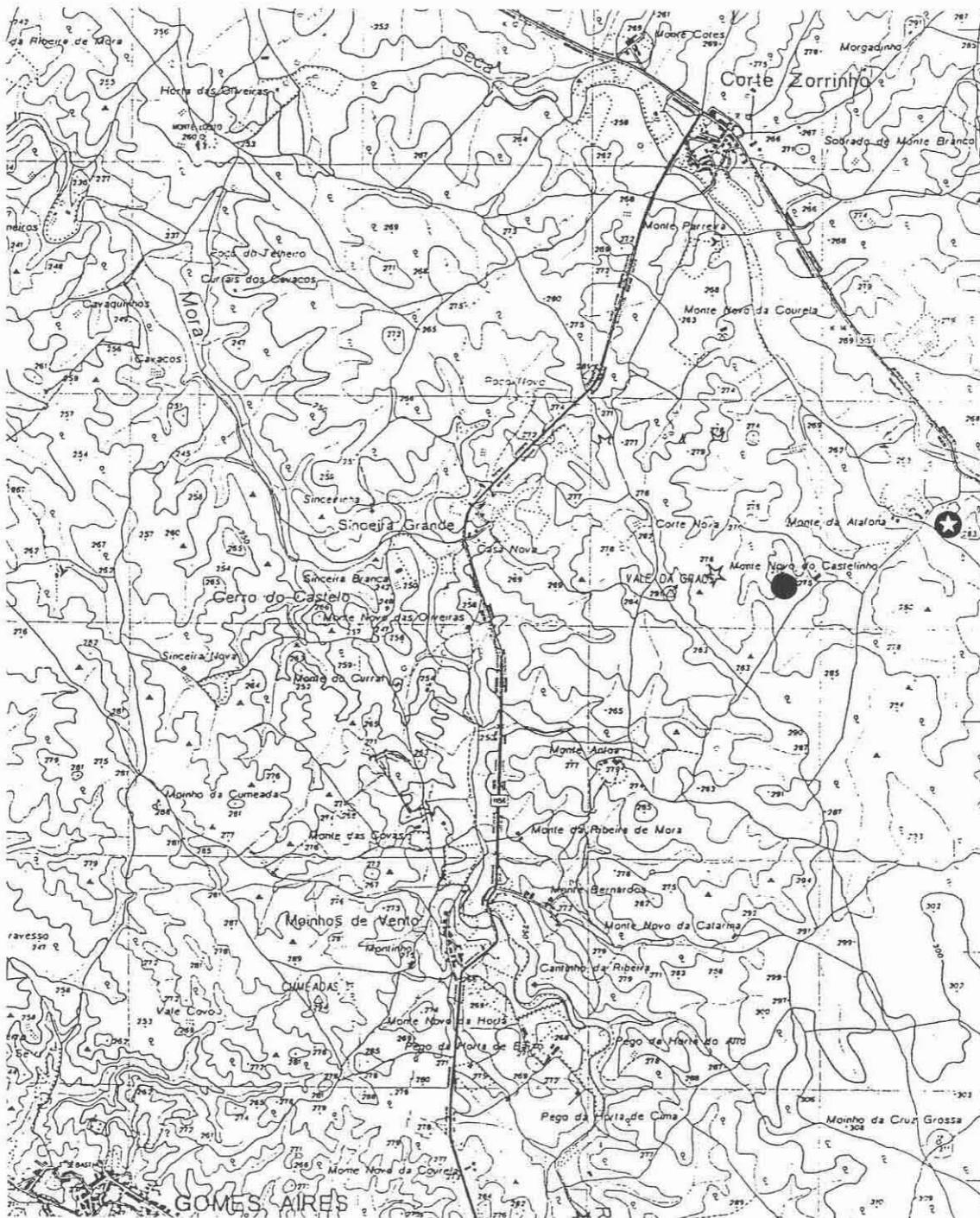


Fig. 1 Implantação do local do achado e da necrópole da Atafona na carta 1:25 000.  
 Necrópole ● Novo núcleo de sepulturas identificado em 1998 ☆ Necrópole da Atafona ☆

tuídos pelos chamados solos mediterrâneos pardos, delgados, que cobrem o substrato de xistos paleozóicos, embora existam, junto às linhas de água, algumas manchas de aluvio-solos modernos, que aumentam o potencial uso agrícola do local.

O interesse arqueológico do sítio foi reconhecido, pela primeira vez, no âmbito das investigações *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*, particularmente por aí se ter identificado uma barragem em terra, associada a um núcleo de povoamento do período romano, a jusante da mesma (Quintela et al., 1987, p. 92-93, Fig. 42, Fot. 51-52).

Em Setembro de 1997, no seguimento de uma intervenção com carácter de emergência aï levada a cabo, foi reconhecida uma área de necrópole, genericamente enquadrável entre os séculos II e IV d. C. (Fabião et al., 1998), tendo-se iniciado, no ano seguinte, um projecto de investigação que inclui a escavação destes vestígios arqueológicos.

## 2. Contextualização do achado

A estela em análise foi encontrada na sequência dos citados trabalhos arqueológicos, realizados por alguns dos subscritores deste contributo (A. C. R., S. M. e I. A. P.), ao longo dos meses de Julho e Setembro de 1998. O monólito que serve de suporte à inscrição foi identificado, em contexto secundário, servindo como tampa de uma das sepulturas postas a descoberto nessa campanha (v. Figs. 4 e 5). A face epigrafada, contendo caracteres da chamada “escrita do Sudo-

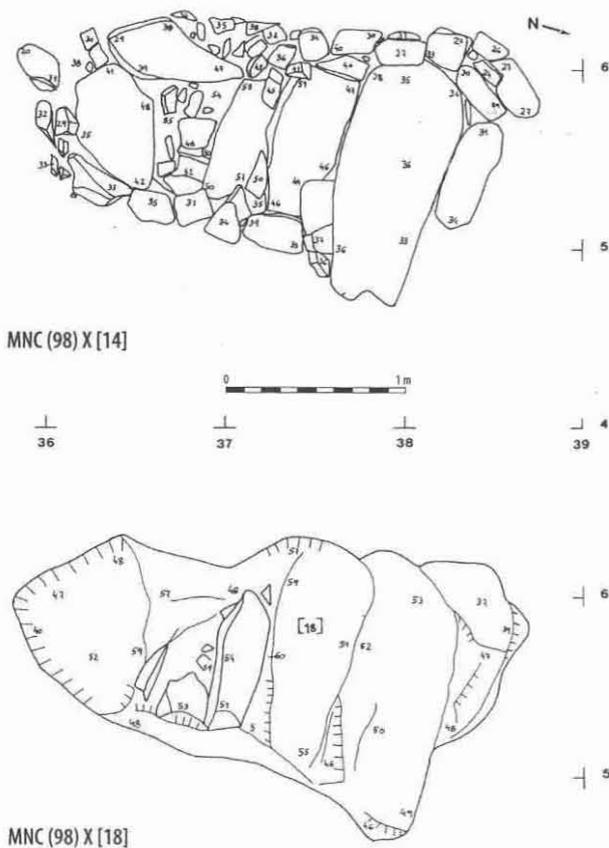


Fig. 4 A sepultura X, em duas fases dos trabalhos: com toda a estrutura de fecho a descoberto [UE 14] e após o levantamento desta [UE 18].

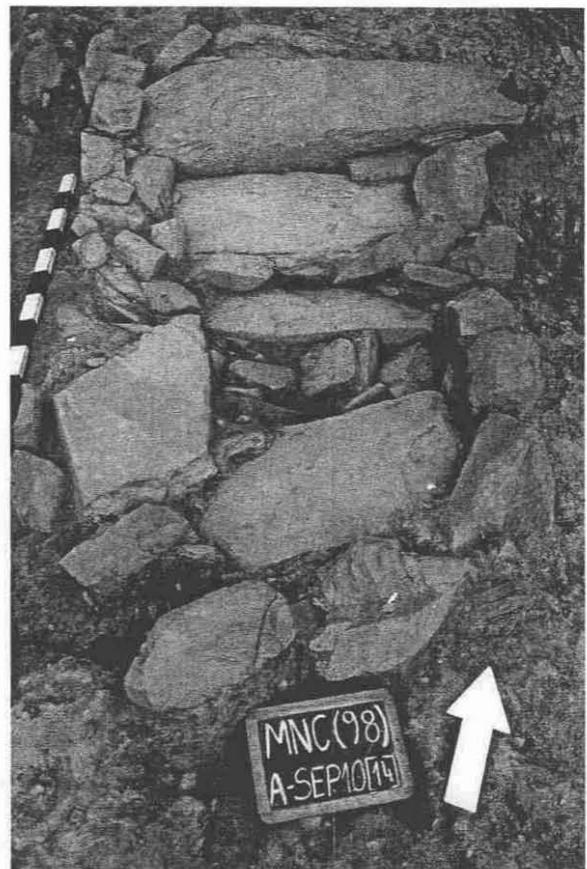


Fig. 5 Pormenor do fecho da sepultura X.

este”, encontrava-se na face interna da laje de maiores dimensões, que compunha a estrutura de protecção e fecho da sepultura designada pelo número romano X.

À semelhança de todas as outras, esta foi escavada na rocha (v. Figs. 6 e 7), sendo, contudo, a de maiores dimensões, o que se deve certamente ao facto de documentar um rito funerário diferenciado, correspondendo, neste caso, a uma inumação. Encontra-se orientada no sentido NO-SE e o corte na rocha apresenta uma forma oval e alongada, atingindo o comprimento máximo de 180 cm, 42 de largura e uma profundidade que oscila entre os 30 e os 40 cm, o que constitui um valor extremo para as sepulturas aí identificadas (v. Figs. 3-7).

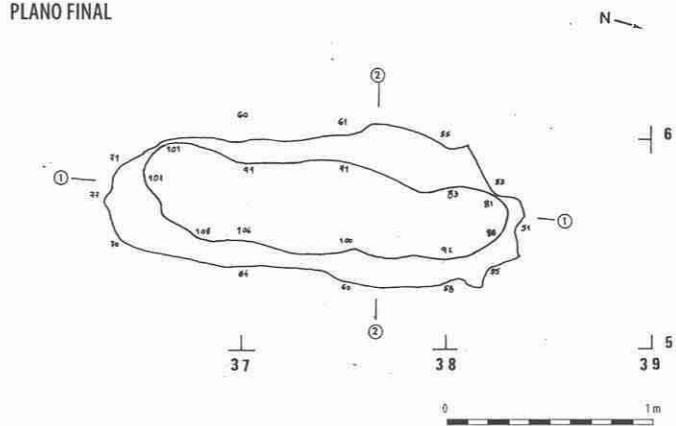
Tanto este bloco como os restantes que integram a cobertura se dispõem transversalmente em relação à dimensão maior do enterramento (v. Figs. 4 e 5). Para além do monólito inscrito, o fechamento da sepultura era constituído por um conjunto de lajes de xisto de tamanhos variados e por algumas *tegulae*, as quais delimitavam todo o perímetro do conjunto central.

O espólio associado à deposição funerária, romano, de época imperial, era composto por dois recipientes de cerâmica comum: uma taça (v. Fig. 8) e um pequeno pote com duas asas. Para além disso, recolheu-se um outro, em vidro, cuja forma não foi possível identificar, dado o seu estado de conservação. Todo este conjunto se encontrava depositado no canto SE do espaço de enterramento.



Fig. 6 A sepultura X, após a sua escavação integral.

#### PLANO FINAL



MNC (98) X [14]

CORTE 2 Sep. X O-E

CORTE 1 Sep. X S-N

Fig. 7 Planta e cortes da sepultura X em final de escavação.

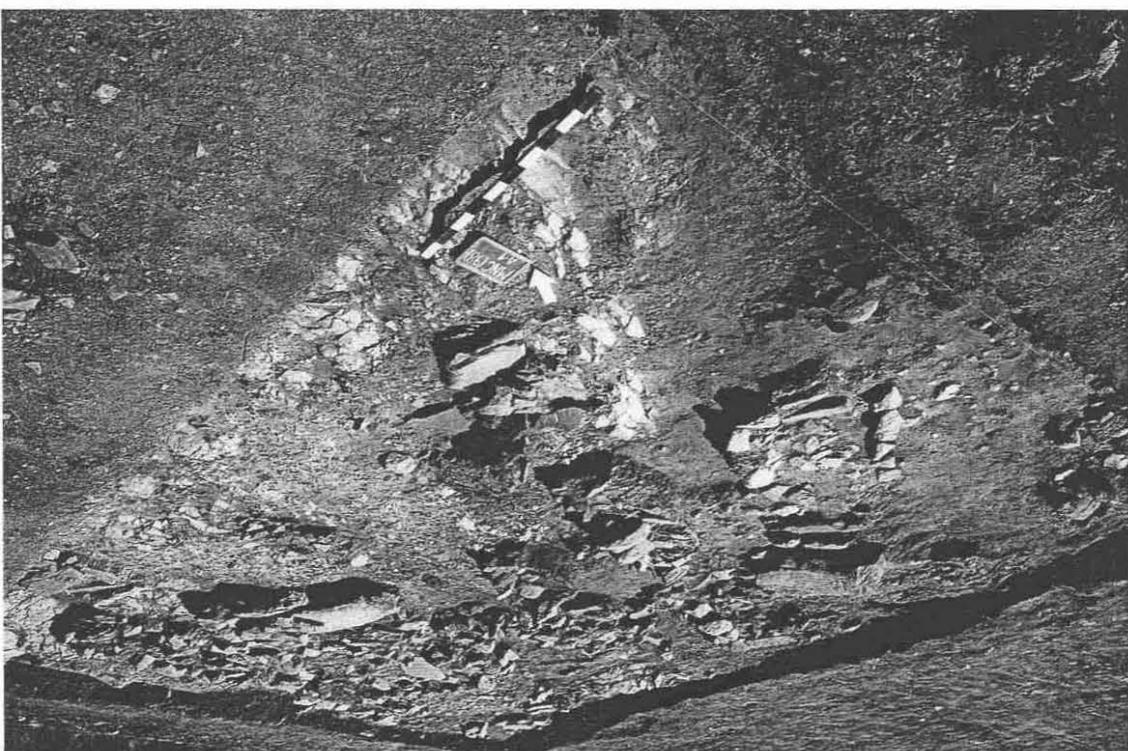


Fig. 3 Perspectiva geral da sondagem A, vendo-se, no topo, à direita, o monumento em estudo.

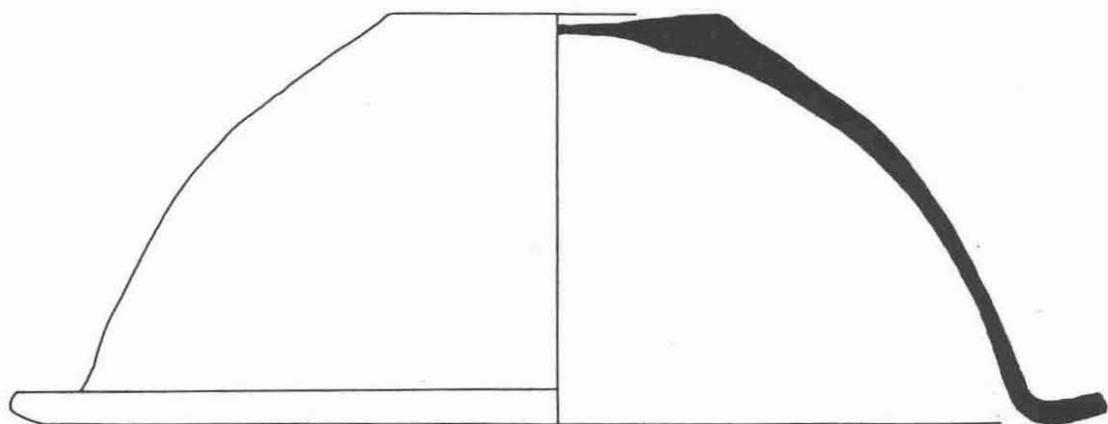


Fig. 8 Recipiente depositado na sepultura em estudo.



### 3. Enquadramento histórico-cultural

O aparecimento de uma nova epígrafe no Monte Novo do Castelinho não constitui, de modo nenhum, um facto surpreendente. O concelho de Almodôvar, em particular a área mais ocidental, apresenta uma grande densidade de achados, registando-se estes nomeadamente nos sítios de Abóboda, Corte Azinheira, Corte do Freixo, Canafexal, Monte do Vale de Ourique, Monte das Guedelhas, Portela e Tavilhão. Verifica-se, assim, que é sobretudo na zona genericamente abarcada pela bacia do rio Mira que este tipo de manifestação se tem verificado, prolongando-se com idêntica densidade pelo território confinante do concelho de Ourique, onde a intensiva prospeção de Caetano Beirão permitiu identificar um dos seus núcleos mais significativos.

A circunstância de a epígrafe em análise ocorrer num contexto de reutilização não constitui um facto nem particularmente relevante, nem mesmo raro. É, ao contrário, uma situação normal, constatando-se, em especial, um reaproveitamento em contextos funerários, acabando por se reproduzir, deste modo, a sua primitiva utilização. O que confere alguma originalidade a este caso é, acima de tudo, o aspecto peculiar de um uso em contexto cronológico romano.

É natural, nestas circunstâncias, que o bloco que serviu de suporte à inscrição tivesse sido escolhido pela sua forma, passando despercebida a circunstância de nele se encontrarem gravados alguns signos; de qualquer modo, a verificar-se o contrário, estes seriam certamente ininteligíveis para os seus utilizadores.

Da sua última função apenas se deduz que nas proximidades do lugar existiria uma antiga necrópole da I Idade do Ferro, cujos vestígios se resumem, aparentemente, a este monumento. Não é possível determinar, de momento, a sua origem exacta, uma vez que não foi identificado, no espaço envolvente mais próximo, qualquer sítio arqueológico para o qual se pudesse apontar a sua proveniência.

Contudo, se não se colocassem alguns problemas, não despiciendos, de natureza cronológica, poder-se-ia admitir que o monólito procederia da necrópole da Atafona (v. Fig. 1), referenciada entre os sítios com ocupação da II Idade do Ferro (Beirão, 1986, p. 29; Silva, 1990, p. 295). Recorde-se, nomeadamente, que aí se identificou uma tumulação particularmente rica que continha uma “cratera em sino, sem pé, pintada com bandas de cor vermelha, de fabrico peninsular”, um “queimador” e uma arrecada em ouro, espólio para o qual se propôs uma datação genericamente anterior ao séc. III a.C. (Gomes, 1992, p. 177).

No mesmo espaço se vieram a realizar enterramentos em período romano, como o comprovaria algum material típico, a que se atribuiu uma cronologia posterior ao séc. II d.C. (Beirão, 1986, p. 29). Todavia, não parece legítimo usar a circunstância de os dois sítios apresentarem esta segunda utilização coeva para daí deduzir a origem do bloco.

Na realidade, como mais adiante se verá, entre a sua função originária e o seu último uso é possível estabelecer pelo menos uma utilização intermédia, em contexto habitacional, o que vem tornar mais complexa a situação.

### 4. Descrição do monumento

O monumento é constituído por um bloco de xisto de cor verde acinzentada, matéria prima relativamente abundante na região, o qual sofreu, após a sua utilização como estela, alguns danos que alteraram circunstancialmente o seu aspecto original.

Na sua forma actual, apresenta um comprimento máximo de 154 cm e uma largura que atinge os 64 cm, correspondendo esta última medida à sua dimensão primitiva. Ao contrário, a sua extensão foi significativamente reduzida, apresentando uma fractura, aparentemente intencional, numa das extremidades. O facto de o texto ter sido afectado por ela, faz pensar que pelo menos toda a parte da estela destinada a ser fixada no solo se perdeu. Nestas circunstâncias não seria absurdo conjecturar que o bloco atingiria um comprimento em torno a dois metros, constituindo, sem dúvida, um dos maiores exemplares subsistentes.

Como é frequente, o campo epigráfico é bastante irregular e apresenta marcas das acções que acabaram por comprometer a sua leitura, em alguns pontos. Na face epigrafada é notória uma concavidade intencionalmente produzida e seguramente destinada a encaixar o eixo sobre o qual giraria uma porta. Esta dedução é confirmada pelo mais acentuado desgaste que um sector mediano da lápide evidencia precisamente a parte que se inicia alguns centímetros após o alinhamento da referida depressão. A falta de caracteres em dois sectores bem definidos atesta o seu uso como soleira de porta, que corresponderia aparentemente a uma passagem estreita, uma vez que daí resultou um desgaste muito localizado. Verifica-se, assim, que o facto de este processo de erosão ocorrer essencialmente em dois pontos distintos e relativamente próximos decorre da circunstância de na pedra se apoiar indistintamente um ou outro pé.

Esta utilização, cronologicamente situada, como se viu, entre os seus usos primitivo e último, terá sido a principal responsável pelas dificuldades que se levantam actualmente à identificação dos signos. Este problema é acentuado pelo facto de os caracteres se encontrarem apenas levemente gravados num suporte não particularmente resistente, contrastando com algumas gravações muito profundas.

### 5. O texto (Figs. 9-13)

Como se pode observar, a epígrafe apresenta um texto fragmentário, no qual se poderiam isolar, atendendo às actuais condições de conservação dos signos, quatro sequências de caracteres. Todas elas se encontram incompletas, pelo que a eventual identificação de paralelos se torna mais complexa.

Analisado o monumento e obtida documentação de natureza diversa estabeleceu-se a leitura seguinte:

𐌵⊙𐌵𐌶 ... 𐌶|𐌶 ... 𐌶𐌶𐌶𐌶𐌶𐌶: 𐌵𐌶𐌵𐌶𐌶𐌶 ...

Da primeira sequência, de que resta a parte terminal, identificam-se, com segurança os caracteres que corresponderiam a **oloion**. Com reservas, dadas as incertezas a este respeito, poder-se-ia eventualmente admitir que o restos do primeiro signo respeitasse a um 𐌶, hipótese que ganharia algum fundamento no facto de, nestas circunstâncias, se adequar à vogal que se lhe seguiria, atendendo à natureza redundante desta escrita. Neste caso teríamos, então, [ ]**kooloion**.

Segue-se um separador, elemento que adquire grande relevância, uma vez que um dos mais persistentes problemas deste conjunto epigráfico reside precisamente da dificuldade em isolar as palavras. Como se sabe, em boa parte da documentação não subsiste qualquer indicação deste tipo e só o recurso a outros critérios, menos fiáveis, tem servido de fundamento à identificação de vocábulos.

No entanto, o facto de se atestarem os dois pontos como separado, num inequívoco contexto de escrita do sudoeste, causa alguma perplexidade. Constata-se que, em todo este conjunto epigráfico, é o único caso em que tal representação é usada. Ao contrário, este tipo de convenção é habitual nas manifestações peninsulares equivalentes, nomeadamente nos contextos levantino e celtibérico. Apesar da raridade, não me parece, contudo, que se possam fazer extrapolações com base nesse facto aparentemente anómalo.

Na realidade, na documentação disponível, apenas se registavam alguns separadores, constituídos por traços verticais, normalmente ligando, na vertical, as marcas de limite das linhas que enquadram os signos (Cfr. J.5.1, J.10.1, J.11.1, J.12.1, J.16.4, J.16.5, J.55.1).

Após este elemento, apresenta-se a mais segura série de caracteres da epígrafe: **kooloar**[. Trata-se um conjunto no qual a sequência **koo** demonstra inequivocamente uma das peculiaridades mais salientes da escrita do sudoeste, a redundância, atestada igualmente no final da inscrição.

Após um dos sectores mais desgastados do campo epigráfico, apresenta-se um conjunto constituído aparentemente por três signos, os quais podem respeitar o alinhamento geral, definido por um traço que serve de guia superior das primeiras duas sequências, mas que não se encontra conservado nesta zona do campo epigráfico. O símbolo intermédio é manifestamente problemático. Ao contrário, não constitui dificuldade a identificação dos signos extremos:  $\text{𐎧}$  corresponde à representação da sibilante **s**; quanto ao primeiro desta sequência, subsistem alguns divergências a respeito da sua equivalência fonética, postulando Untermann (1997, p. 153) e Correa (1996, p. 69) um valor de **r'**, Gómez Moreno (1962) e Maluquer (1968) o de **be**, J. de Hoz (1990, p. 223, 230) o de **bi** e Virgílio H. Correia (1996) o de **m**.

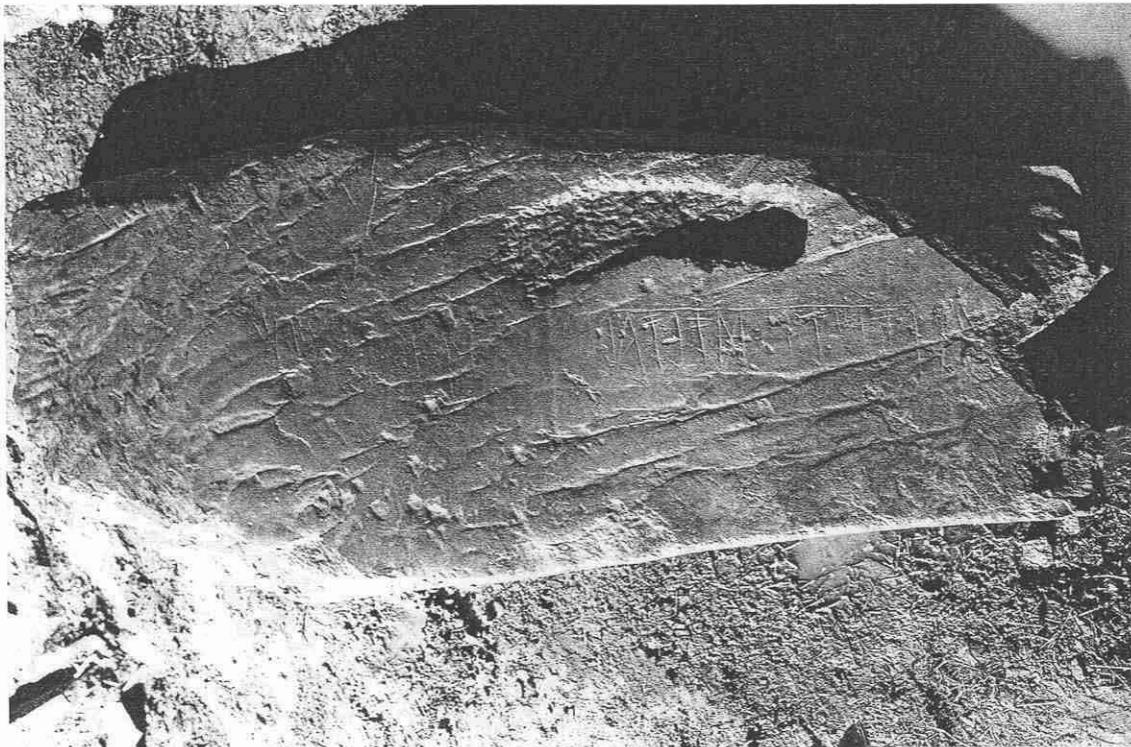


Fig. 9 Foto geral do bloco epigrafado.



Fig. 10 Aspecto de pormenor do início da inscrição, vendo igualmente a concavidade para rotação da porta.

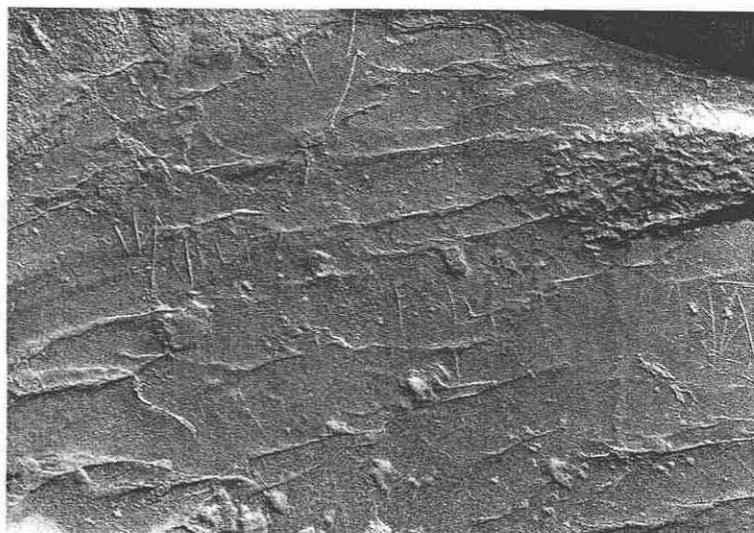


Fig. 11 Particular da parte terminal da inscrição em análise.

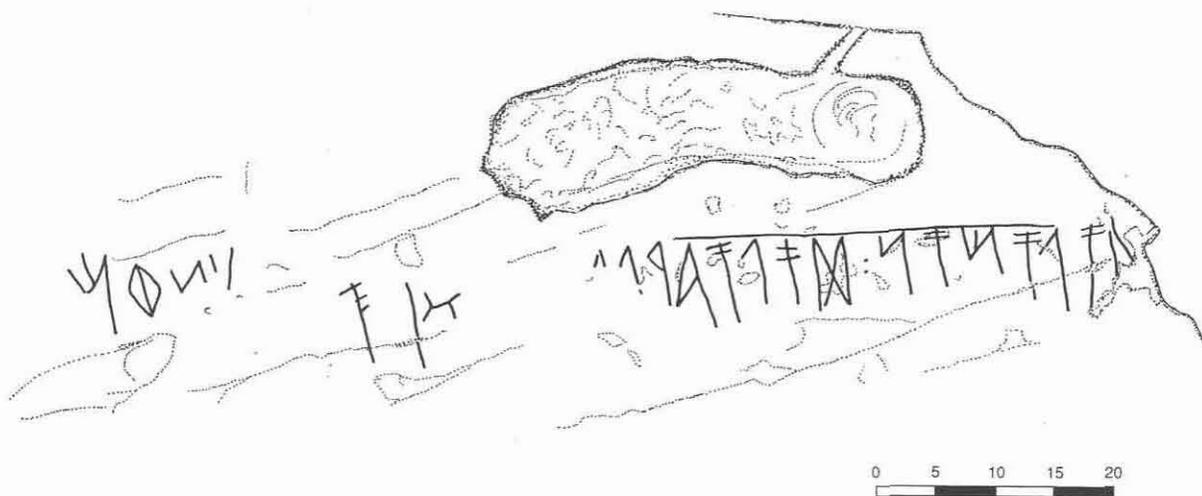


Fig. 13 Pormenor do decalque corresponde ao sector epigrafado.

A sequência em que este se insere leva a considerar improvável uma correspondência com **be**, uma vez que, dada a natureza redundante da escrita, se esperaria, nestas circunstâncias, um signo  $\bigcirc$ , o que está excluído.

Por fim, um último conjunto de caracteres, que se afasta do alinhamento do texto restante, aparenta corresponder, à primeira vista, à mais conhecida das sequências de signos da escrita do sudoeste, a qual, por essa razão, tem sido frequentemente considerada uma fórmula de natureza funerária (Cfr. Correa, 1985, p. 388-392).

A presunção de que ocorreria aqui, uma vez mais, o dito formulário assentaria nos três signos terminais, os quais reproduziriam fielmente e com segurança uma das variantes bem

documentadas (cfr. Untermann, 1997, p. 187-88), a que termina em **entii**, registada nomeadamente em J.1.5, J.4.3, J.11.5, J.12.1, J.16.1, J.16.3, J.17.2, J.18.1, J.19.2 e J.53.1.

Esta hipótese implicaria que os três signos referidos estivessem associados a  $\text{O} \rangle$ , o que coloca objectivamente algumas dificuldades de monta. Em primeiro lugar, não são visíveis quaisquer traços do grafema que corresponde a **e**; para além disso, não parece muito viável identificar como  $\rangle$  os traços incertos que precedem a sequência **ntii**.

Nestas circunstâncias, há que manter sérias reservas sobre esta hipótese e, ao mesmo tempo, considerar outras possibilidades, esperando que o crescente número de achados, de que esta estela é um exemplo, e os progressos neste domínio concreto da investigação encontrem uma solução satisfatória.

Em suma, tendo em conta a mais credível equivalência de signos, o texto conservado seria:  
**[ ]kooloion : kooloar[ ] r '[.]s[ ]ntii**

#### BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, C. M. (1986) - *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1<sup>er</sup> Âge du Fer)*. Paris: Diff. de Boccard.
- CORREA, J. A. (1985) - Consideraciones sobre las inscripciones tartesias. In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 5-8 noviembre 1980)*. Salamanca: Universidad, p. 377-95.
- CORREA, J. A. (1996) - La epigrafía del Sudoeste: Estado de la cuestión. *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad, p. 65-75.
- CORREIA, V. H. (1996) - *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Etnos.
- FABIÃO, C. et al. (1998) - Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodóvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 199-220.
- GOMES, M. V. (1992) - Proto-História do Sul de Portugal. In *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GÓMEZ MORENO, M. (1962) - *La escritura bastulo-turdetana (primitiva hispánica)*. Madrid.
- DE HOZ, J. (1990) - El origen de las escrituras hispanas y el desarrollo de la escritura del Algarve. In *Estudios orientais, 1. Presenças orientalizantes em Portugal. Da pré-história ao período romano*. Lisboa: Instituto Oriental, p. 219-46.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1968) - *Epigrafia prelatina de la Península Ibérica*. Barcelona.
- QUINTELA, A. C. et al. (1987) - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- SILVA, A. C. F. da (1990) - A Idade do Ferro em Portugal. In *Nova História de Portugal. Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Presença, p. 257-341.
- UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta linguarum Hispanicarum*. Band IV. *Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag.